



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12332 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

Encontro de saberes para a construção de uma objetividade situada nas ciências

Elisa Sampaio de Faria - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Maria Rabelo Gomes - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Encontro de saberes para a construção de uma objetividade situada nas ciências

Este resumo faz parte de uma etnografia realizada em cursos do Encontro de Saberes ministrados por praticantes de terreiros de axé na Universidade Federal de Minas Gerais. O Encontro de Saberes é um programa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior que convida mestres/as dos saberes ancestrais de povos historicamente excluídos das academias para ministrar disciplinas nas universidades. O encontros com praticantes de terreiros de axé na universidade nos provocaram reflexões sobre as “práticas de conhecimento” (Cf. VERRAN, 2013, p.141-161) nas ciências. Verran propõe a noção de práticas de conhecimento para fazer referência àquilo que possibilita a um grupo responder perguntas. Nesse sentido, as práticas de conhecimento se referem àquilo que praticantes pertencentes à uma ou outra tradição de conhecimento mobilizam para responder as suas perguntas em uma situação específica. Isto é, dizem respeito ao conjunto de procedimentos, pessoas, conhecimentos, investimentos, objetos e tudo o mais que permite a um determinado grupo dizer que *conhece* alguma coisa. Nos propomos refletir sobre as práticas de conhecimento nas ciências considerando questões provocadas por meio dos encontros com praticantes de axé. Neste resumo, apresentamos um recorte dessa reflexão; pensamos sobre as maneiras científicas de conceber a objetividade de modo mais situado.

Para a realização da pesquisa, nos propomos a realização de uma “imersão total” (STOLZE, 2013, p.20) com os praticantes de terreiros de axé e com as comunidades que eles/as pertencem. Ao mesmo tempo, essa imersão foi também parcial, pois prosseguimos com outros compromissos, sendo a produção de registros um deles. Para produzi-los, fizemos uso de alguns métodos convencionais da pesquisa etnográfica, tais como a observação

participante, o diário de campo, as conversas informais e a gravação do áudio de cursos (STOLZE, 2013).

Concebendo a ética de modo pragmático, criamos práticas que possibilitassem: prestar tanta atenção quanto possível às realidades das comunidades de axé; tornar-nos mais sensíveis para perceber e respeitar diferenças enquanto praticante das ciências. Para tanto, buscamos construir ocasiões para que cada ente nessas comunidades pudesse comentar, recriar perguntas, práticas e conhecimentos no desenvolvimento da pesquisa, que foi fundamentalmente organizada a partir das experiências que os encontros entre entes nos mundos do axé e das ciências proporcionou. Houve consulta e consentimento para citar os nomes reais dos parceiros de pesquisa. A escolha por usar os seus nomes busca resguardar as autorias de suas falas e realizações, muitas vezes coletivas, evidenciando a natureza localizada das práticas e conhecimentos em seus territórios.

A seguir, comentamos a iniciação de Vanessa Castro no Orixá Oxumarê no *Ilè Àṣẹ̀ Asegún Itèsiwajú Aterosún*, casa de axé situada em São José da Lapa, MG. A narrativa original foi escrita por meio de informações orais concedidas por Vanessa e Nilsia Santos, a Ialorixá Ifadará, entre 2017 e 2022. Logo em seguida, apresentamos o caso do hormônio liberador de tireotrofina (TRF).

Nas práticas rituais do candomblé, uma pessoa é concebida de maneira relacional e múltipla. A “feitura” ou “iniciação” (GOLDMAN, 2005, p. 7) trata de um processo ritual no qual somente pessoas escolhidas podem participar. A escolha se dá como um chamado dos orixás. Vanessa foi à casa da Ialorixá Ifadará para consultar o jogo de búzios e, por meio de procedimentos, conhecimentos e articulação objetos, o jogo de búzios levou a Ialorixá a perceber que os orixás pediam a iniciação de Vanessa (informação oral).

O Borí é o rito que consiste em oferecer comida ao Orí (informação oral) O Orí é o Orixá, a divindade, a centelha divina do Deus Supremo, que reside dentro da cabeça de cada um de nós (SANTOS, 2020). A finalidade do Borí é alinhar o Orí, trazer equilíbrio, força, boa sorte e caminhos abertos. O Borí antecede a iniciação (RABELO, 2010). Já na iniciação, a Ialorixá vincula o orixá à cabeça da filha por meio procedimentos que incluem raspar a cabeça e sacrifícios rituais (informação oral). Também, por meio de procedimentos ritualísticos, o Orixá é assentado no terreiro, compondo um ponto de referência (informação oral). A feitura não trata de fazer uma divindade nem de fazer uma pessoa, já que elas existem antes da iniciação (GOLDMAN, 2009). Trata de compor, por meio de uma rede de procedimentos, materiais e conhecimentos, um vínculo entre a pessoa e seus orixás, proporcionando a eles/as uma maneira de existir diferente (GOLDMAN, 2009).

Latour e Woolgar (1997) descrevem a definição do fator liberador de tirotofina (TRF). Latour acompanhou o laboratório liderado pelo neurocientista Guillemin no Instituto Salk, na Califórnia. A equipe confirmou quais eram os átomos que compunham a estrutura molecular do TRF. Mas ainda era possível que a molécula TRF pudesse estar organizada em uma

multiplicidade de formas. Estabilizar a estrutura molecular do TRF significava arranjar técnicas para obter inscrições que indicassem uma sequência de átomos única. Prosseguindo com os experimentos, manipularam as substâncias e produziram uma molécula que demonstrou a mesma atividade biológica que o TRF. Mas isso não era prova suficiente de que a estrutura da sintética era idêntica a do TRF encontrado no corpo de animais. Somente um equipamento muito específico daria uma resposta satisfatória sobre a diferença ou a identidade entre o TRF original e a sua réplica: o espectrômetro de massa. As amostras foram inseridas no equipamento e o resultado não poderia ser interpretado como diferente. A partir desse acontecimento, ninguém mais disse que o TRF original é similar ao sintético. Passaram a dizer que o TRF é a sua estrutura molecular (LATOURE; WOOLGAR, 1997, p.156). O TRF foi definido, foi transformado em fato.

A prática de conhecimento que inclui o jogo de búzios permitiu a ialorixá acessar o mundo dos orixás. Por outro lado, a prática de conhecimento que inclui o espectrômetro de massa possibilitou ao cientista acessar o mundo molecular. As práticas de conhecimento da ialorixá e do cientista se situam em lugares muito distintos, e ambas são mais do que humanas: incluem objetos, procedimentos e entes que não são humanos. As duas permitem *conhecer* a realidade de forma diferente. Sabe-se que haverá aprendizagem.

Concluimos com esta reflexão sobre uma abordagem da objetividade de modo situado. Uma abordagem situada que se distancia de uma autoridade universal, definitiva e inocente, compreendendo os conhecimentos, fatos e verdades que as ciências e outras tradições de conhecimento concebem como situados em lugares que, como todos os demais, não estão destinados a dominar tudo. A relação que as práticas de conhecimento assumem com o mundo é parcial e metamórfica: cultivam, à sua maneira, diferentes possibilidades de conhecer e existir no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia cosmopolítica. Práticas de conhecimento. Estudos sobre as ciências. Encontro de Saberes. Candomblé.

REFERÊNCIAS

- GOLDMAN, M. Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetriação antropológica. *Análise Social*, vol.XLIV(190):105-137, 2009.
- GOLDMAN, M. Formas do Saber e Modos do Ser: Observações Sobre Multiplicidade e Ontologia no Candomblé. *Religião e Sociedade*, 25(2):102-120, 2005.
- LATOURE, B; WOOLGAR, S. *A vida de laboratório: A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- RABELO, M. A construção de sentido nos tratamentos religiosos. *R. Eletr. de Com. Inf. Inov.*

Saúde. Rio de Janeiro, v.4,n.3,p.3-11, set 2010.

STOLZE, T. O campo e a escrita: relações incertas. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.5,n.2,jul-dez:9-23, 2013.

VERRAN, H. Engagements between disparate knowledge traditions: Toward doing difference generatively and in good faith. Em GREEN, L. (ed.) *Contested Ecologies: Dialogues in the South on Nature and Knowledge*. C.10:141-161. Cidade do Cabo: HSRC Press, 2013.